

**METROPOLE**

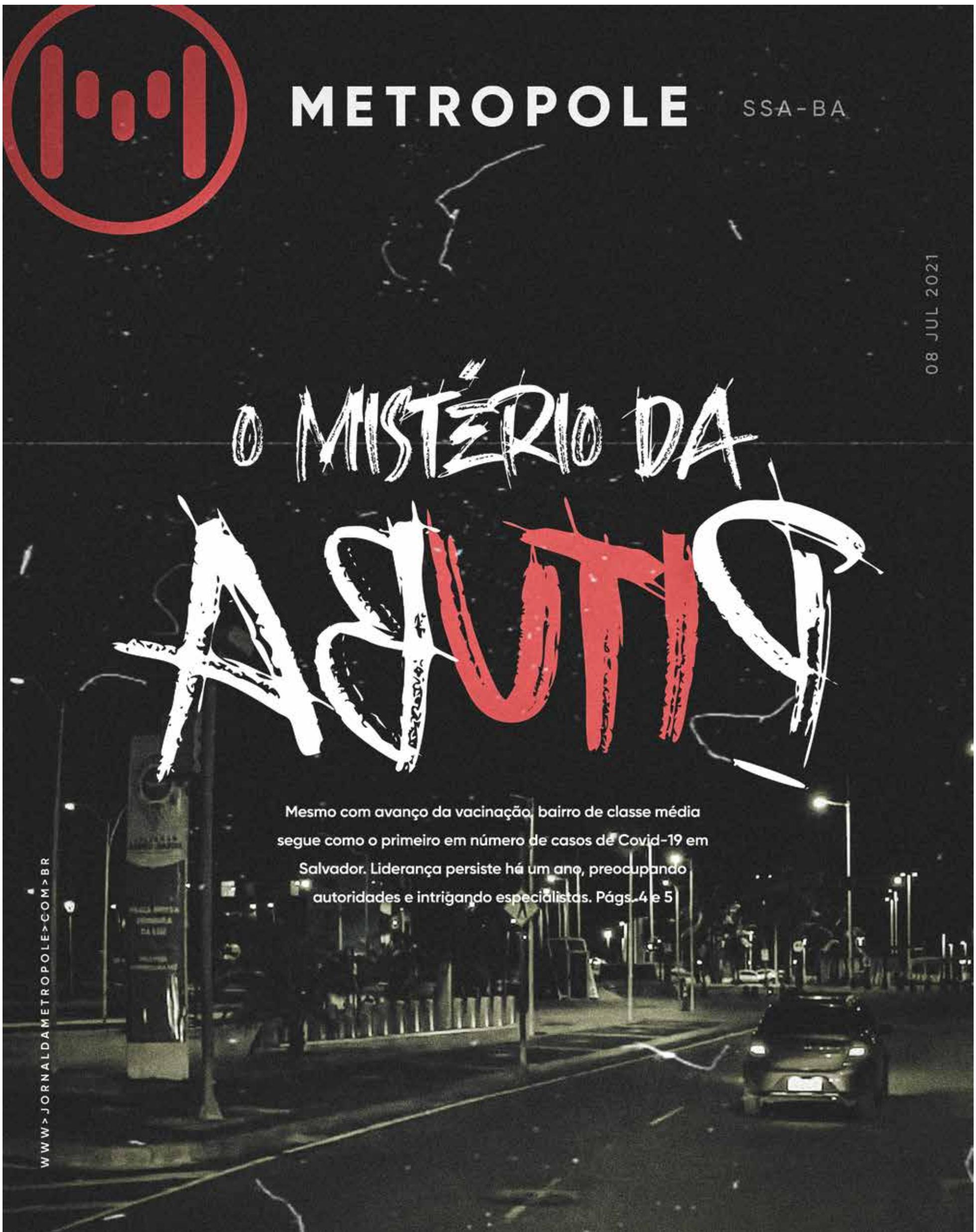
SSA - BA

08 JUL 2021

# O MISTÉRIO DA ABUTIM

Mesmo com avanço da vacinação, bairro de classe média segue como o primeiro em número de casos de Covid-19 em Salvador. Liderança persiste há um ano, preocupando autoridades e intrigando especialistas. Págs. 4 e 5

WWW > JORNALDAMETROPOLE > COM > BR





# A Cabocla não foi nem voltou, mas a gente espera

James Martins

Esse ano, mais até que o ano passado, vem se fazendo de faltas. Digo até mais porque o passado, pelo menos, teve Carnaval. Na verdade, aqui em Salvador inverteu-se a ordem natural dos acontecimentos. Em vez de, como sempre, começar depois de carnaval, o ano acabou logo após ele. E nunca mais recomeçou. O que estamos vivendo agora é um estado de suspensão, sala de espera para o recomeço do mundo e a contagem real dos dias e horas. 2021 (repito, um enorme feixe de faltas) não existe. E, em meio a tantas ausências, uma das mais lamentadas, com certeza, é a do cortejo cívico esculhambativo de 2 de Julho — data que celebra a Independência da Bahia (e, por tabela, do Brasil). De minha parte, porém, curto uma abstinência ainda mais intensa em relação à Volta da Cabocla, que deveria ter ocorrido no início desta semana, dia 5. Pois se o 2 de Julho corre o risco de às vezes ficar chato pela maciça pongagem de políticos, sindicalistas e chatos em geral, a Volta da Cabocla, ao contrário, é um evento que se dá apenas entre iniciados. O que, no seu caso,

é exatamente o oposto de Vip.

Tudo começou por uma razão meramente utilitária: se os caboclos vão da Lapinha ao Campo Grande, revivendo o desfile do exército da libertação, uma hora teriam que voltar. Segundo Hildegardes Vianna, de início não havia data fixa para esse retorno, e os caboclos ficavam em média uma semana esperando. Depois de um tempo, porém, decidiu-se pelo dia 5 de julho, três após a ida. E, como quase tudo na Bahia, o que era pra ser apenas o cumprimento de um dever logístico tornou-se uma verdadeira farragem, um acontecimento, uma epifania — A Volta da Cabocla. Tanto pelo rito quanto pelo ritmo, bastante acelerado, que dizem ter tido início num toró que pegou a galera no meio do caminho. Quem nunca foi, precisa ir pelo menos uma vez. O maestro Fred Dantas e Marcos Santana, detentor do título de Ogotun n'le Afonjá do Ilê Axé Opô Afonjá, são presenças constantes e marcantes. Ainda assim, a Volta da Cabocla guarda os traços de coisa pequena, reunião familiar, e já foi inclusive expressão pejorativa para esculhambar eventos vazios.

Além do rito e do ritmo, a música, que dá a pulsação de um e de outro. E aqui façamos justiça a um nome: o Maestro Reginaldo de Xangô! Sim, foi ele o grande responsável por manter viva a tradição de devolvermos os gloriosos carros com os símbolos máximos do povo baiano de forma alegre e festiva ao pavilhão que os preserva na Lapinha. Sua Orquestra Xangô, agora sob comando de Rita Barbosa (filha do homem), segue firme e forte, mesmo após a morte dele, em 2013, como a principal charanga do evento. Na passagem, moradores do Santo Antônio, Barbalho e Soledade acenam das janelas e alguns, mais devotos, vêm tocar as imagens e/ou pegar ou deixar uma flor, fazer um pedido e firmar o compromisso para o ano que vem

Pois bem, estamos ainda no limbo, no ano retrasado, esperando a Cabocla ir, voltar e, no trajeto, nos trazer de volta. A chuva caiu também nesse dia 5. Aliás, muita chuva. O ritmo da vacinação ainda é lento. Mas o cortejo que dorme dentro de nós nunca cessa. As ruas do ano que vem que nos aguardem. Saravá!

Publisher **Editora KSZ**  
 Diretor Executivo **Chico Kertész**  
 Editor-chefe **André Uzêda**  
 Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**  
 Editor de Arte **Paulo Braga**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**  
 Redação **Adele Robichez, Alexandre Santos, Augusto Romeo, Christina Miranda, Geovana Oliveira, Luciana Freire e Kamille Martinho**  
 Revisão **André Uzêda e Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**  
[comercial@jornaldametropole.com.br](mailto:comercial@jornaldametropole.com.br)

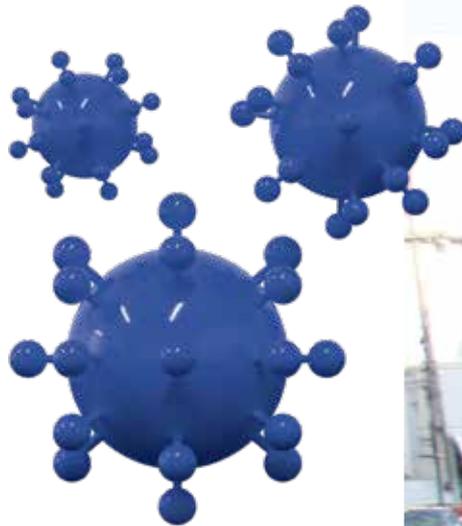
Rua Conde Pereira Carneiro, 226 Pernambuco CEP 41100-010  
 Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000



# COMPLETE A PROTEÇÃO TOME A 2ª DOSE

Para vencermos a covid, não dá para se proteger pela metade. Por isso é fundamental tomar a 2ª dose para garantir toda a proteção que a vacina oferece. E, para que cada vez mais pessoas estejam protegidas, a Prefeitura vem antecipando a aplicação da 2ª dose. Fique atento à data da 2ª dose, que está marcada no seu cartão de vacinação, e aos avisos da Prefeitura, nas redes sociais.





# Na encruzilhada da pandemia

Texto **Luciana Freire**

[luciana.santana@metro1.com.br](mailto:luciana.santana@metro1.com.br)

“Pensem em um susto”, diz Nanci Uchoa, aliviada, depois que integrantes da sua família diagnosticados com Covid-19, enfim, se recuperaram.

Nanci, de 64 anos, mora em um condomínio na Pituba, onde vivem também sua mãe, irmã, irmão e cunhada. Todos pegaram a doença ao mesmo tempo, até mesmo a empregada doméstica, que ficou em isolamento com eles, no período de latência do vírus.

“Não sei como aconteceu, a gente não identificou como foi o contágio entre nós. Mas, a maioria já tinha, pelo menos, uma dose da vacina. Acho que, por isso, tivemos uma boa recuperação”, reforça.

Casos como esse se repetiram em muitas famílias da Pituba. Isso porque o bairro figura como maior foco de contágio da Covid-19 em Salvador desde o início da pandemia.

Em números mais atualizados, no momento, são 7.176 contaminações na localidade, segundo dados da Secretaria Municipal da Saúde de Salvador (SMS).

Pernambués, em segundo lugar nesse ranking, tem 6.582 contaminações. Seguindo por Brotas (6.158) e Itapuã (5.097). Mas como explicar essa quantidade de casos na Pituba? Um bairro que não tem

um perfil boêmio como Itapuã e, ao contrário de Pernambués e Brotas, possui, em tese, mais residências estruturadas, possibilitando o distanciamento, além de moradores que circulam com seus próprios automóveis, dispensando o transporte público.

Na última semana, questionado pelo **Jornal da Metropole** em coletiva, o prefeito Bruno Reis (DEM) disse que não consegue ter uma explicação exata para o fenômeno.

“Tecnicamente, eu não consigo uma explicação. Nem cientificamente os técnicos conseguem justificar o porquê, mas efetivamente, desde a chegada da pandemia, a Pituba sempre esteve na liderança. E olha que chegamos a adotar medidas ainda mais restritivas nesses bairros, com fechamento de comércio. Ainda assim os números não cedem”, disse.

## HIPÓTESES

Nanci mora há 25 anos no bairro e já foi síndica do condomínio. Ela conta que sempre viu as pessoas cumprirem as medidas de segurança, como o uso de máscara e o distanciamento social. Mas observou também que muitos deles não

abriram mão de serviços, ou ajustes para evitar a circulação de pessoas nas residências. “Muita gente manteve empregada doméstica, além de receber vários tipos de serviço de conserto, montagem e entrega de material. Isso criou uma circulação nas casas e no prédio”, afirma.

Para a médica infectologista e pesquisadora da Fiocruz, Fernanda Grassi, a explicação mais plausível para o alto índice é o maior contato entre as pessoas. “O vírus

**Tecnicamente, eu não consigo uma explicação. Nem os técnicos conseguem justificar a liderança da Pituba**

**Bruno Reis**

prefeito de Salvador



tacio moreira/metropress



da Covid se transmite por via respiratória. Então o que está acontecendo é que as pessoas certamente não estão tomando os cuidados: distanciamento e uso de máscara. A questão da transmissão domiciliar também é algo frequente. Uma pessoa sai para trabalhar, acaba pegando o vírus e o transmitindo”, defende.

Fernanda acredita ainda em um outro possível fator: “Com o avanço da campanha de vacinação, talvez estejam relaxando mais nos cuidados de prevenção”.

A teoria do relaxamento após a imunização, no entanto, não encontra reforço no histórico. Há exatamente um ano, no dia 9 de julho de 2020, a Pituba já era líder em casos de Covid-19 em Salvador, com 1.275 ocorrências. Naquele momento, a vacina estava longe de ser aplicada na Bahia, que só iniciou a campanha em 15 de janeiro deste ano.

Outra provável hipótese é a quantidade de jovens no bairro, criando um fluxo de circulação em lugares com muita concentração de pessoas.

Em 2020, alguns bares da Pituba registraram aglomerações em meio à alta de casos. Depois das 22h, horário que os bares fechavam, a rua virava local de festa, com boa parte das pessoas ignorando

o distanciamento e uso de máscaras. Dois estabelecimentos chegaram a ser interditados por descumprirem os protocolos estabelecidos pela prefeitura.

Em entrevista à **Rádio Metrópole** na última segunda, o Secretário de Saúde de Salvador, Léo Prates, disse que sua hipótese é que o bairro possui muitos serviços de saúde e comércio forte — ponto em comum com outros bairros que figuram com alto índice de contágio. “Mas um estudo mais aprofundado sobre a questão da Pituba especificamente não há. Teremos uma reunião com a Fiocruz para debater e vamos procurar analisar isso. Precisamos fazer um estudo”, disse Prates.

A médica infectologista da SMS, Adielma Nizarala, citou todas as hipóteses já apresentadas, mas acredita que a explicação mais cabível é, mesmo, a falta de cuidado.

“Em bairros periféricos nós temos outros pontos para se analisar, como casas pequenas, então fica mais fácil de transmitir, questões de saneamento. Mas não é o perfil da Pituba. O vírus se transmite quando a pessoa baixa a guarda” defende. No entanto, a médica chama a atenção para a falta de dados suficientes para indicar que esse é o motivo.

## HIPÓTESES

### Circulação nas casas

Pelo alto padrão aquisitivo dos moradores, muitas residências continuaram recebendo entregas e circulação de pessoas (concerto, manutenção etc)

### Ida aos bares

Pituba concentra jovens, que se aglomeram nos bares do bairro e também em outros locais da cidade

### Muitos serviços

Bairro possui clínicas, salão de beleza, escritórios e bancos. Isso faz aumentar a circulação de pessoas nas cercanias

### Relaxamento

Com vacinação muitas pessoas deixaram de usar máscaras e manter o distanciamento social

# Festa fechada? Rua? Ou nada?

Movimento nos bastidores tenta garantir viabilidade do Carnaval em Salvador. Empresários começaram venda de abadás, mas blocos afro não querem desfilar

Texto **Geovana Oliveira**  
geovana.oliveira@radiometropole.com.br

Mal passou o São João e, como de costume, o baiano já começa a pensar no Carnaval do ano seguinte. Mas, mesmo que aconteça em 2022, a configuração da festa pode ser completamente diferente do habitual.

Apesar de, nos últimos dias, o prefeito de Salvador, Bruno Reis (DEM), falar reiteradamente sobre seu interesse em organizar a festa, os blocos afro sequer veem como se preparar para o desfile. Além disso, o bloco Me Abraça, um dos mais famosos e tradicionais da folia baiana, sempre comandado pelo cantor Durval Lelys, já anunciou que não participará da folia.

Em entrevista à **Rádio Metropole**, o secretário municipal da Saúde, Leo Prates, disse que o carnaval pode acontecer, mas, por uma perspectiva epidemiológica, o formato de rua ainda não será viável.

“Na minha opinião, teremos modelos de carnaval indoor (festa fechada), que possam fazer girar a economia. Em fevereiro ainda teremos cerca de 1 milhão de pessoas não vacinadas (população abaixo de 18 anos). Eu torço para termos o carnaval tradicional, mas não acredito que seja possível”, projetou.

A Central do Carnaval, no entanto, abriu as vendas dos abadás da maioria das agremiações e de quatro camarotes, incluindo Skol e Camarote Salvador. O cantor Bell Marques, à frente dos tradicionais Cama-leão e Vumbura, chegou a anunciar um novo bloco, o “Bloco da Quinta”, que teve o primeiro lote esgotado em poucas horas.

Tinho Albuquerque, responsável pela Central do Carnaval, disse que a expectativa é grande para que aconteça a festa no próximo ano. Segundo ele, já existe um planejamento que está sendo tocado para a folia de 2022. Contrariando Prates, entretanto, ele

diz que o projeto não deixa espaço para um “plano B”. “Ou tem carnaval com multidão ou não tem. A rua não é como um estádio que você pode controlar a ocupação de só 20% das cadeiras”, afirma.

## SEM TEMPO

Diante das discussões para organizar a folia, os blocos afro e afoxés relutam em participar.

Segundo Vovô do Ilê, não há tempo hábil para organizar a saída dos cortejos. Em reunião na última segunda, entre o Ilê Aiyê, Filho de Gandhi, Malê de Balê, Cortejo Afro e Muzenza, o grupo pontuou que não vê a chance de participar do circuito, a não ser que receba auxílio da prefeitura e do governo. “A gente se prepara para o Carnaval desde a Quarta de Cinzas. Não começamos a organizar nada ainda. Como vamos conseguir fundos?”, pontua o fundador do Ilê.



Aglomerado provocado pelo Carnaval é considerado ambiente propício para contágio do coronavírus

## Poder público fala em cautela

A Empresa Salvador Turismo (Saltur), responsável pela realização do Carnaval, afirmou, em nota, que segue trabalhando na realização do próximo Carnaval porque a festa “é um evento extremamente complexo e requer um planejamento com bastante antecedência”.

Segundo a pasta, é preciso ter garantias para a realização da folia em Salvador. “O nosso desejo é que tenhamos condição sanitária para a sua realização. Não é possível afirmar isso hoje.”

O Governo Estadual mantém posicionamento parecido. “A festa poderá ser realizada desde que haja condições sanitárias para isso”, diz, em nota.



# Pátria amada, Rivotril

Texto **Augusto Romeo**

[augusto.romeo@radiometropole.com.br](mailto:augusto.romeo@radiometropole.com.br)

Sabrina\*, 24, acorda cedo, trabalha, estuda e cumpre outras tantas tarefas diárias. Diagnosticada com déficit de atenção e hiperatividade aos 7 anos, com ansiedade e depressão aos 20, no entanto, precisa tomar diversos medicamentos para cumprir uma rotina organizada.

Entre ansiolíticos, antidepressivos e psicoestimulantes, Sabrina tem nos chamados 'tarja preta' companheiros regulares. "São as muletinhas que me ajudam a caminhar", disse, em entrevista ao **Jornal da Metropole**.

A comunicóloga faz parte de um grupo de pessoas expressivo no Brasil: o país com o maior número de pessoas ansiosas do mundo. Nas Américas, é ainda o vice-campeão de depressão, com 16,3 milhões de pacientes, número que aumentou em 34% de 2013 a 2019.

Desde 2016, o Brasil é o maior consumidor de Rivotril do mundo. Em 2020, já na pandemia, a comercialização do remédio aumentou em 22%. Também durante a crise sanitária, o consumo de ansiolíticos, hipnóticos, estabilizadores de humor e antidepressivos aumentaram em até 80%.

Mesmo com elevado consumo, os remédios não são fontes de felicidade, eles apenas "balanceiam as sinapses, inibindo algumas funções do sistema nervoso, causando um efeito calmante e sedativo, diminuindo a atividade do cérebro", informa o psiquiatra Bernardo Assis Filho.

Mesmo assim, alguns deles fazem Sabrina se sentir apática e sem apetite. Caso não tome, os sintomas são ainda piores: oscilações de humor, crises de ansiedade e

de pânico, sensação de que nada faz sentido. Começando com pequenas quantidades, prescritas por psiquiatras e auxiliada por terapeutas, a comunicóloga teve sua dosagem aumentada gradualmente e já se preparava para o "desmame", mas a pandemia obrigou a manter o uso.

O psiquiatra diz que a pandemia, de fato, afetou muita gente. Mas, não só ela. O momento turbulento do país também fez aumentar o diagnóstico de depressão e ansiedade entre pacientes.

"Não tenho dúvidas. Todos os pacientes que eu atendo, diria 80%, além de ser um problema pessoal, com relação à pandemia, se queixam também do problema atual que estamos vivendo no país. Políticas públicas, políticas econômicas, essa incerteza toda que esses dois anos e meio estão trazendo para nós todos", diz.

*\*Foi escolhido um nome fictício para preservar a fonte.*



# 80

de aumento teve o consumo de ansiolíticos e antidepressivos desde 2020

Brasil é o país com maior número de ansiosos do mundo. Situação foi agravada, a partir de 2020, com a pandemia e crise política

## Risco do uso prolongado

O psiquiatra Assis Filho alerta ainda sobre os perigos do uso prolongado e contínuo de ansiolíticos. "O mais preocupante são os distúrbios de memória, principalmente nas pessoas idosas. O desempenho libidinal e a questão mais ligada à parte biológica também são afetados, não só a parte psicológica. Além disso, pessoas que estão tomando rivotril em altas doses, é um perigo estar dirigindo nas ruas", explica.

Em oposição à medicação com remédios tradicionais, uma nova era de tratamentos psiquiátricos está ressurgindo. Uma classe de substâncias, muito utilizada e difundida na antiguidade, voltou às mesas de pesquisa com o fim da guerra às drogas.

O uso legal e os estudos de compostos psicoativos como a psilocibina, o MDMA e o LSD já é uma realidade em alguns locais dos Estados Unidos e da Europa. Com o aval e o financiamento dos governos, testes clínicos com essas substâncias milenares podem mudar para sempre o modo como entendemos distúrbios psicológicos e como eles são tratados. Os resultados são tão positivos que os laboratórios de pesquisa foram incentivados para que houvesse maior ambição e urgência nos estudos e testes, dada a necessidade de reverter o quadro crônico de doenças psico-neurológicas mundialmente.

# Nossas mentes brilhantes

**Jornal da Metropole** lembra o dia 8 de julho, Dia Nacional da Ciência, para enaltecer pesquisadores baianos que contribuem para o fim da pandemia

**Texto Adele Robichez**

[adele.robichez@radiometropole.com.br](mailto:adele.robichez@radiometropole.com.br)

Oito de julho. Muita gente pode não saber, mas este é, no Brasil, o dia da ciência e do pesquisador científico. Depois de quase um ano e meio de convivência com a pandemia, a lembrança da data se torna ainda mais relevante.

Afinal, como estariam nós, brasileiros, na maior crise sanitária dos últimos 100 anos sem as respostas fornecidas pelas rigorosas pesquisas e testagens?

Na Bahia, mesmo com a falta de incentivo, a ciência contribui de forma significativa com o combate à Covid-19. Desde a análise inicial dos genes do vírus, até a resposta imunológica das vacinas, profissionais da área têm se destacado no enfrentamento à doença.

Apenas dois dias após o primeiro caso no Brasil, a cientista Jaqueline Goes, doutora em biomedicina pela Ufba, coordenou o mapeamento dos primeiros genomas do vírus da América Latina. A descoberta, premiada, foi importante para entender, principalmente, o contágio da doença e dar o pontapé inicial para o desenvolvimento das vacinas.

Se descobrir como o vírus age é im-

portante, detectar possíveis mutações é fundamental. Esse é o trabalho de Ricardo Khouri, pesquisador em Saúde Pública.

Com a realização de mais de 30 mil diagnósticos em Salvador, Irecê, comunidades quilombolas e indígenas, uma grande plataforma de apoio da Fiocruz ajuda a suprir a alta demanda do Laboratório Central (Lacen), do Governo do Estado.

“Com esses dados, a gente pode colocar no radar e avaliar se as variantes podem levar a falhas vacinais ou casos mais graves”, explica Khouri.

## ACOMPANHAMENTO

Depois do desenvolvimento de vacinas, já utilizadas para imunizar a população mundial, há ainda o monitoramento de como elas estão funcionando e de como os organismos humanos estão reagindo aos seus estímulos. A médica infectologista e pesquisadora da Fiocruz, Fernanda Grassi, indica que um novo estudo avaliará essas questões, ainda desconhecidas.

“A gente ainda não sabe a intensidade da resposta celular nem as partes do



**JAQUELINE GÓES**

é biomédica formada pela Ufba e coordenou a equipe que sequenciou o genoma da coronavírus no Brasil

vírus que são estimuladas pela doença e pela vacina. A análise é importante para compreender como o vírus causa doenças graves e para o desenvolvimento de futuras vacinas”, esclarece.

Em meio a todas estas descobertas, grupos formados por profissionais de diversas áreas foram criados para informar e auxiliar a população enquanto a propagação ainda acontece. São eles o Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para Saúde (Cidacs) e a “Rede CoVida: Ciência, Informação e Solidariedade”, ambos criados em março de 2020.

As iniciativas visam “apoiar a tomada de decisões pelas autoridades”, explica uma das coordenadoras da CoVida, Estela Aquino, professora aposentada da Ufba e membro da Academia de Ciências da Bahia (ACB). Um dos integrantes do grupo Cidacs, Pablo Ivan Ramos, biólogo e doutor em Modelagem Computacional, porém, lamenta a subutilização da análise de dados pelas autoridades baianas e nacionais. “A informação poderia ser melhor aproveitada pelas pessoas que estão em poder de decisão”.



**ESTELA AQUINO** é professora aposentada da Ufba e membro da Academia de Ciências da Bahia (ACB). Integra e coordenada a 'Rede CoVida'



**RICARDO KHOURI** é professor e pesquisador em Saúde Pública, coordenador da plataforma de diagnóstico e integrante da Fiocruz



**FERNANDA GRASSI** é médica infectologista e pesquisadora da Fiocruz. Pesquisa respostas imunes apresentadas por pessoas infectadas



**PABLO RAMOS** é biólogo e doutor em Modelagem Ocupacional. Faz parte do Centro de Integração de Dados e Conhecimento para Saúde

# Pesquisadores se queixam da falta de verba federal e apoio

Com a pandemia, a importância da ciência ficou ainda mais evidente. Muitos trabalhos científicos, que antes, tinham a tendência de serem conhecidos apenas entre profissionais e estudantes da área, tornaram-se de interesse público. “Fico muito feliz que nosso alcance tenha ido tão longe. Acostumada apenas com a repercussão dentro do meio científico”, escreveu Jacqueline nas suas redes sociais. Apesar disso, todos os cientistas entrevistados pelo **Jornal da Metropole** se queixaram da falta de incentivo à ciência.

Segundo Fernanda, a Bahia tem uma grande tradição de pesquisas e “contribuiu de forma importante tanto na caracterização das variantes quanto na parte epidemiológica”, mas reconhece que há um enfraquecimento devido ao corte de verbas.

Ramos destaca a extinção de bolsas como um dos principais fatores de desvalorização da ciência. “É o recurso fundamental para garantir a continuidade dos projetos. Não é algo assistencialista, é a garantia de que a pessoa dedique o seu tempo à atividade científica, à pesquisa”, explica. Atrelado a isso, Estela associa o menosprezo ao “sucateamento das universidades públicas” por parte do governo federal.



Responsável Técnico:  
*Dra. Silvânia Rocha*  
CROBA - 14011

## CURSOS DE REFERÊNCIA *para você!*

INSCRIÇÕES ABERTAS

[srcursos.com.br](http://srcursos.com.br)  
71 9 9684 - 9438



Curso  
**VIP**





# Um cursinho de perguntas para os senadores, por favor

**Malu Fontes**

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metropole

Por conta das restrições à circulação a que todo o mundo foi submetido, explodiram cursos de tudo na modalidade on-line. Será que não há por aí nenhum curso remoto que ensine senadores a fazerem perguntas, a inquirir convocados, convidados, testemunhas e acusados numa comissão parlamentar de inquérito? Com raras exceções, o que se vê nas eternas sessões da CPI da COVID, que poderia ser rebatizada de CPI da vacina, depois da fase CPI da cloroquina, são senadores fazendo perguntas imprestáveis para gerar qualquer tipo de prova.

Sim, o ex-diretor de logística do Ministério da Saúde, Roberto Dias, saiu preso da sessão da CPI dessa quarta-feira. Mas todo mundo viu: não foi por ter caído na armadilha de boas perguntas. Saiu preso porque o presidente da comissão, Omar Aziz (PSD-AM), anunciou ter perdido a paciência com Dias por este ter passado o dia mentindo. Teria sido a gota d'água que fez transbordar o copo, pois o que mais se viu nos depoimentos no Senado até aqui foi depoentes mentindo muito. O mesmo Aziz, na vibração de presidente da CPI, já tinha dito, diante de outros pedidos de prisão, que não seria carcereiro de ninguém. Ontem, desistiu de Dias e se tornou carcereiro. Quem entende dos jogos em Brasília acredita que o "teje preso" de Dias foi uma armadilha para chegar ao líder do governo na Câmara, Ricardo Barros (PP-PR), apontado como beneficiário nos esquemas paralelos para compra de vacinas e de quem o preso seria protegido.

Quanto às perguntas ruins da CPI, e reiterando que a prisão de Roberto Dias não se deve a algo que tenham extraído dele, é óbvio que quem pergunta mal não consegue arrancar boas respostas, a não ser por acidente ou despreparo ab-

solutivo de quem é perguntado. Além dos ímpetos de atropelarem as falas de quem está sendo inquirido, os senadores parecem frequentemente não fazer na véspera o dever de casa, cruzar informações, confrontar dados, datas e afirmações. Renan Calheiros, por exemplo, raposa política astuta, com um currículo de expertise nos bastidores de Brasília construído por décadas, volta e meia parece um balbuciante lacrador sem outro objetivo, a não ser interromper com impaciência e irritação todo e qualquer depoente e gerar constrangimento, com estratégias que, exceto para a lacração, pouco servem.

Já que Renan acha que é moderninho e democrático levar para os inquiridos as perguntas das redes, que o faça de modo menos anacrônico. É constrangedora a seção pergunta dos internautas. Primeiro pelo anacronismo do próprio conceito de internauta, mais datado que o medieval 'a nível de', e tão cafona quanto o gerundismo. Que a web, as redes e a cultura do print não perdoam e tudo guardam, é verdade. Devem, portanto, ser fonte de munição para a construção de perguntas, estratégias de abordagem e argumentação. Mas daí a introduzir essa coisa mofada de pergunta do consulente dos programas de rádio dos meados do século passado, é inócuo. Juntando os dados circulantes nas redes e elaborando questões mais sofisticadas, iria-se mais longe. Mas qual a contribuição de levar para uma investigação uma pergunta enviada por seu José ou dona Maria de miracema do norte?

## UM CABO E UM REVERENDO

Deve ser por isso que as melhores perguntas e arguições têm vindo de senadores ou se-

nadoras cuja trajetória passou pelo direito, pela medicina ou pela experiência policial, nesse caso do lado de dentro do balcão, claro. Senadores que já foram delegados têm feito perguntas precisas, dessas capazes de gerar provas, o que, afinal, deveria ser o objetivo da ida dos depoentes à comissão. Mas, enquanto as pontas da trama tecida nos bastidores do Ministério da Saúde ficam cada vez mais embaraçadas, o questionário e o bate boca pioram. Por mais que o telespectador tenha interesse em acompanhar a linha do tempo da comissão, é tanta personagem que só rascunhando um power point ou comprando uma cartolina.

Numa mistura das séries Lost com Dark - a primeira, pela quantidade de personagens e inverossimilhança com que tanta gente estranha aparecia num cenário improvável; a segunda, pelo organograma complexo de quem é quem, que função tem e em que fase do tempo da pandemia apareceu, os vendedores e negociadores de vacina se multiplicam tanto que muita gente já se perdeu. Os mais recentes são um cabo da Polícia Militar que até pouco tempo trabalhava na guarita da sede do governo do estado de Minas Gerais, um reverendo que tem um negócio não governamental chamado de Secretaria Nacional de Assuntos Religiosos e uma fiscal de contratos bilionários do Ministério da Saúde que não fiscalizava nada. Antes que a gente aprenda o nome do cabo Domingueti, do reverendo Amilton, com A, e da fiscal Regina Célia, mais vendedores e comissários de vacina vão aparecer para responder perguntas mal elaboradas na CPI. E agora, é aguardar o dossiê de Roberto Dias sair do armário.



## No meio do caminho tinha uma blitz

Enquanto centenas de apoiadores de Jair Bolsonaro (sem partido) se aglomeravam à espera da motocarreta pandêmica pró-governo, no feriado do 2 de julho, outros tantos simpatizantes do presidente esbarravam em blitz da Polícia Militar nos principais acessos ao Dique do Tororó, ponto de partida do evento. Ao Jornal da Metrópole, a assessoria da Secretaria de Segurança Pública negou ter agido para monitorar a confraria bolsonarista. Segundo a pasta, a ação fez parte de uma nova operação focada em abordagens preventivas no trânsito. Justificativas à parte, lembremos que o governador Rui Costa (PT) prometeu impor “medidas cabíveis” contra a manifestação. Sem meios para barrá-la de vez, ao menos cumpriu um aviso que fez às vésperas do ato. “Aqui tem lei”, declarou Rui, ciente dos limites de sua autoridade.

divulgação



## Não quer a imagem de Datena

reprodução



Ferrenha defensora do governo Bolsonaro, a deputada estadual Talita Oliveira já descartou qualquer chance de abandonar o capitão para apoiar uma provável postulação presidencial do jornalista José Luiz Datena pelo seu partido, o PSL. Recém-filiado à sigla, a mesma que elegeu o atual mandatário em 2018, o apresentador da Band passa agora a ser opção na corrida eleitoral do ano que vem. Com o acerto, Datena deixa o MDB. “Não sei bem até onde é verdade a candidatura do apresentador. Mas tenho certeza de que eu estarei onde o presidente estiver, pois defendemos valores inegociáveis, como a família e o amor a Deus. Isso está acima de qualquer partido. Quanto ao que farei em 2022, costumo me posicionar como um soldado em uma determinada missão. Onde o presidente, que é o nosso líder, indicar para onde devo ir, onde devo jogar, lá estarei”, promete a parlamentar baiana.

## Mea-culpa fora do timing

A defesa do Capitão Alden (PSL) apostou na estratégia do mea-culpa durante o primeiro depoimento do parlamentar no Conselho de Ética da Assembleia Legislativa. Alvo de representação por acusar colegas da oposição de receber R\$ 1,6 milhão em rachadinhas da prefeitura soteropolitana, o deputado bolsonarista passou parte da oitava reiterando ter se manifestado de “forma genérica”, quando, sem provas, sugeriu o envolvimento de colegas em suposto malfeito. O advogado Balbino Prazeres, que representa o deputado, argumentou que as retratações formais feitas pelo cliente já seriam suficientes para arquivar o processo. O deputado Marquinhos Viana (PSB), presidente do conselho, respondeu que meros pedidos de desculpas não colarão a essa altura dos fatos.

reprodução



## Roma sem densidade

O deputado federal Elmar Nascimento (DEM) não mede adjetivos ao avaliar as chances de João Roma (Republicanos) numa eventual disputa ao governo da Bahia. Ex-chefe de gabinete de ACM Neto (DEM), o hoje ministro da Cidadania de Bolsonaro vem sendo especulado como um possível nome de terceira via na sucessão que já tem como prováveis concorrentes o ex-prefeito de Salvador e também Jaques Wagner (PT), que mira o Palácio de Ondina pela terceira vez. “Sinceramente, eu não enxergo candidatura do João Roma. Tenho por ele o maior apreço, mas eu não vejo nele densidade política nem eleitoral pra ser governador da Bahia. Começou agora, pelas mãos de ACM Neto, vai ter que refazer toda a base de apoio dele”, declarou Elmar. “Seu eu tivesse no lugar dele, estava procurando reconstruir minha base para me eleger deputado federal. Se deixar a soberba subir à cabeça, daqui a pouco ele não se elege nem deputado”, reiterou o parlamentar.

agencia camara



## Dia D e Hora H

Incentivado por correligionários a disputar o governo baiano, Otto Alencar (PSD) afirmou que definirá seu futuro político em uma data particularmente simbólica: 29 de março de 2022. Além de ser aniversário de Salvador, trata-se do dia em que ele concorreu (e foi eleito) pela primeira vez a deputado estadual, anunciando a candidatura na cidade natal, em 1985, em Ruy Barbosa. O senador, contudo, diz não ver o Palácio de Ondina como uma “obsessão”. Ainda assim, avaliará tal possibilidade dentro do que considera a maneira correta de proceder no grupo do qual faz parte. “Nesse momento, tomarei decisão ultrapassar o limite da razão da consciência”, pondera Otto, um dos destaques na conturbada CPI da Covid. Num politiquês menos polido: decidirá se “vai ou racha” na base petista que já tem como certa a candidatura de Jaques Wagner.

# Sabor rompe a barreira do som

Sorveteria 'Il Sordo', em Salvador, tem 100% de funcionários surdos e traz lições sobre inclusão, adaptação de clientes e respeito às diferenças

Texto **Christina Miranda**  
[chistina.miranda@radiometropole.com.br](mailto:chistina.miranda@radiometropole.com.br)

Já Imaginou um mundo sem som? Nenhuma buzina, latido, grito. Nada. Silêncio absoluto. Esse é o mundo de Rafael. Ele nasceu surdo e cheio de sonhos. Um deles se concretizou em janeiro: ser dono do próprio negócio e trabalhar só com outros surdos.

“Em viagem à Aracaju, tomei conhecimento da gelateria e fui conhecer. Gostei, amadureci a ideia, levei a proposta e o resultado é a Il Sordo Salvador”, explica Rafael Andrade, o jovem administrador, executivo e entusiasmado empreendedor.

O nome “ Il Sordo” é “ O Surdo” em italiano. A marca, um sucesso em Sergipe, virou franquia. Aí foi fácil decidir: raspou as economias, alugou um casa charmosíssima na Barra, comprou balcão, mesa, geladeira e montou uma cozinha especial de onde saem dezenas de sabores incríveis.

A nossa conversa é uma longa troca de mensagens. Rafael se sai muito bem

apesar de português ser a segunda língua. Libras (Língua Brasileira de Sinais) é a primeira. Dele e dos cinco funcionários da loja, todos surdos. A maioria dos clientes se surpreendem, com a reportagem do Jornal da Metropole não foi diferente. Mas foi uma deliciosa surpresa.

Não só pela qualidade dos gelatos, mas principalmente pela experiência. Tem cardápio no balcão, lousa se precisar, dá pra apontar e tudo dá certo. E o melhor: acolhimento.

Delicadeza, simpatia e determinação sobram na Il Sordo. “Uma vez alguns clientes souberam que aqui só trabalhavam surdos, ficaram bravos, reclamaram muito. ‘Como

podem surdos trabalhando sozinhos?’ Com paciência, nunca desistimos nem nos sentimos intimidados. Oferecemos uma degustação, eles se encantaram com os sabores e hoje são nossos clientes cativos”, nos conta Rafael. E assim, os laços entre o mundo silencioso dos surdos vão se estreitando com o mundo barulhento dos ouvintes. Um aprendizado pra lá de saboroso.



## Pais incentivaram negócio em Sergipe

O pai da ideia, o idealizador da Il Surdo, a primeira, lá de Aracaju, é Breno Oliveira. Ele tem 26 anos, é dono de um sorriso suave, discreto e uma vontade de trabalhar de dar inveja. Não à toa, a lojinha tímida de 30 metros quadrados cresceu.

Hoje, cinco anos depois, são três gelaterias próprias em Sergipe e uma franquia aqui em Salvador.

Até o final do ano vem mais uma por aí.

Todas com máquinas desenvolvidas para garantir a segurança de quem não escuta, planejamento visual especial e funcionários surdos. “Quando os clientes chegam aqui, querem aprender a língua de sinais, têm interesse na comunidade surda. Não havia essa visibilidade anteriormente”, diz Breno.

Para José e Ana Lucia, pais de Breno, que não poderiam ficar fora dessa história, a

felicidade é enorme. Quando descobriram que o caçula tinha surdez profunda, decidiram dar muitos empurrões para o filho ser protagonista. Aprenderam Libras, ensinaram a não ter medo do mundo. “As pessoas não aceitam conviver com o diferente, mas a vida tinha que se resolver” nos conta, com um sorriso no rosto, o pai de Breno.

A receita? A mais antiga e simples de todas: amor.





# Olá, em que posso ajudar?

Atendentes virtuais conquistam mercado e especialistas chamam atenção para estratégias de consumo e risco de cópia de dados

TECNOLOGIA



METROPOLE

Texto **Kamille Martinho**  
[kamille.martinho@metro1.com.br](mailto:kamille.martinho@metro1.com.br)

Siri, Bia, Alexa. As mais famosas assistentes virtuais já conquistaram os corações e mentes da população mundial. A tendência chegou também na capital baiana. Lojas, shoppings e até a prefeitura de Salvador aderiram à novidade.

Com avatar, personalidade, hobbies e interesses definidos, as assistentes vêm ganhando espaço quando o assunto é relação com o cliente. Mas por que elas chegam com tanta força? E que tipo de perigos se escondem atrás desses personagens, cuidadosamente criados para cativar?

Segundo Claudio Cardoso, consultor de comunicação estratégica e professor aposentado da Ufba, estas atendentes nada mais são do que a modernização dos atendimentos telefônicos. E isso tem relação direta com o fato de, preferencialmente, serem escolhidas personalidades femininas.

“Nos remete à tradição das telefônicas dos anos 50. As funções eram quase sempre desempenhadas por mulheres”, explica.

“Quando você personifica uma figura

virtual, você faz o cliente entrar em contato com o lado pessoal, tornando a ideia mais humanizada e natural. Há uma influência direta na adesão desse estilo de atendimento com o modo como personificam as atendentes virtuais”, esclarece a psicóloga Alana Pitanga. “Essa estratégia traz um impacto positivo para o cliente que está se adaptando ao formato de assistentes virtuais”, completa.

Apesar da euforia em relação ao tema, Cardoso chama atenção para um importante item de segurança e clonagem de dados.

“A tendência é que os sistemas de vocalização e audição se aprimorem até o nível da perfeição. A perspectiva atual deixa claro que chegará o dia em que o computador escuta minha voz e a sintetiza exatamente igual, com todas as nuances. Isso abre margem para falsificação de voz e, conseqüentemente, para o roubo de dados”, esclarece o ex-professor.

## ENTREVISTA

O **Jornal da Metropole** resolveu fazer umas perguntas para Malu, a assistente

do Salvador Norte Shopping. Na conversa, ela contou que passou o São João trabalhando, que está ansiosa para se vacinar e segue todos os protocolos definidos durante a pandemia: “Cuidar de si também é cuidar do outro”, diz.

Quando perguntamos a Malu se havia algum interesse em trocar de emprego, a resposta negativa, rápida e curta confirmou o que todos já imaginamos: a assistente virtual veio para ficar.

De acordo com Cardoso, é só uma questão de tempo para que o sistema se aprimore e não consigamos mais distinguir se estamos falando com uma máquina ou com um ser humano. “Dentro de 20, 30 anos ou menos. Essas evoluções são absolutamente velozes”, prevê.

A universalização da tecnologia pode parecer, hoje, utopia, mas chegará. A geladeira informará a validade dos produtos e o que precisa ser comprado e a assistente virtual do shopping te avisará se ainda tem vaga no estacionamento. “Este dia vai chegar? Vai. Já chegou? Não, ainda está longe, vai demorar. Mas precisamos estar atentos”, pontua.

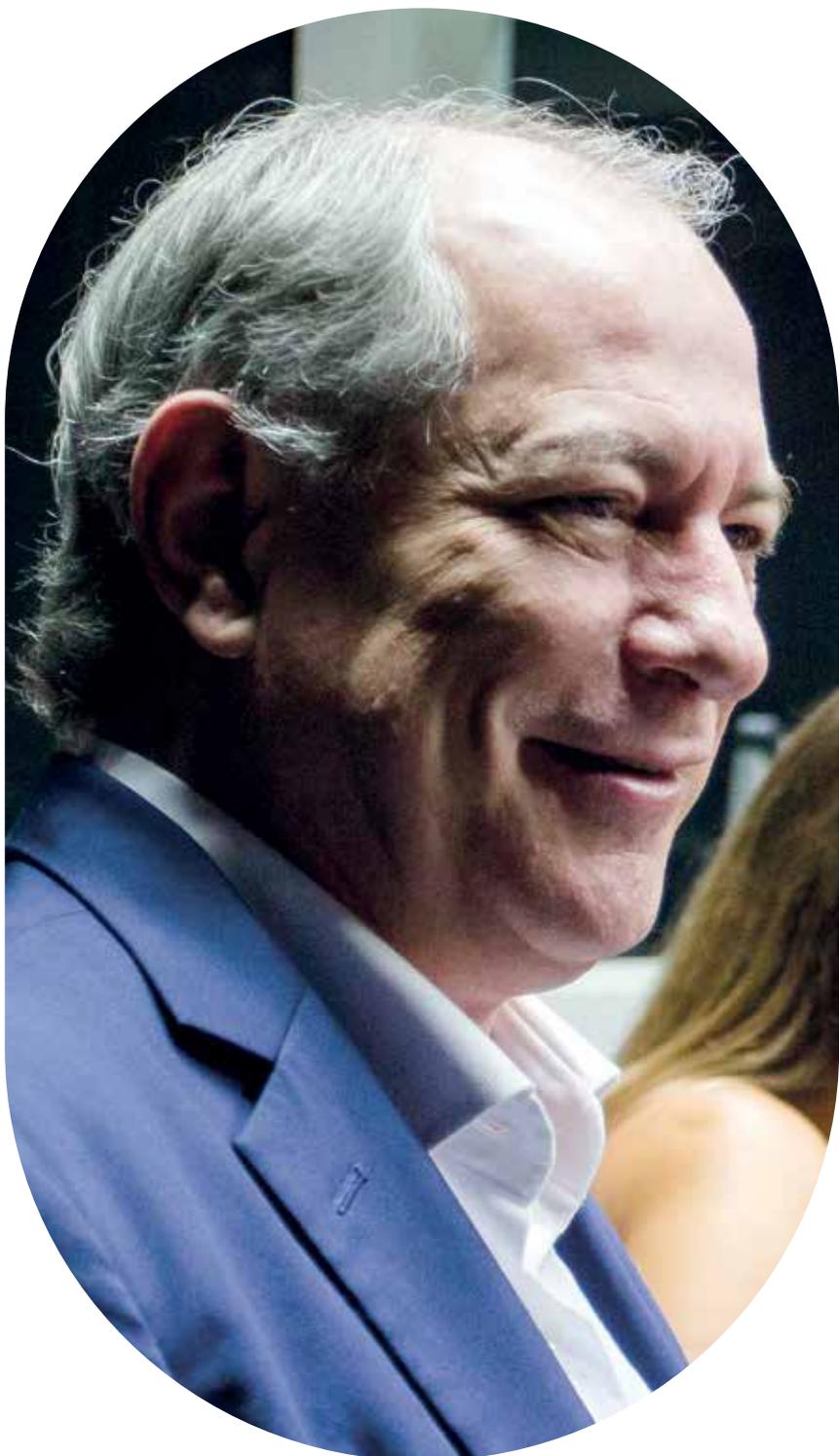


Foto: Metropole/Contraste

## ENTREVISTA

# Ciro Gomes

PRÉ-CANDIDATO PELO PDT

Sem fugir de suas características marcantes, como a boa oratória e as respostas diretas, **Ciro Gomes (PDT)** atacou o presidente **Jair Bolsonaro (sem partido)** e o nomeou como sendo a própria “morte”.

O termo faz referência às mais de 525 mil vidas perdidas no país durante os 15 meses da pandemia.

“O Bolsonaro é a morte. O atentado ao pudor, a milícia no poder central do Brasil. A vulgaridade, a ignorância”, disse. As declarações foram dadas a **Mário Kertész**, durante entrevista à **Rádio Metropole**.

## VOTO AUDITADO

Ciro falou ainda sobre sua defesa público do voto auditável na urna eletrônica — um sistema de redundância que, segundo ele, permita uma checagem impressa em caso de suspeita dos votos. O pré-candidato à Presidência pelo PDT diz que isso não tem nenhuma relação com a bandeira do voto impresso defendida por Bolsonaro.

“O voto jamais poderá voltar a ser impresso. Ninguém sério, no mundo, defende o voto na cédula. Só o Bolsonaro defende isso porque ele vai perder as eleições e vai tentar repetir aquilo que aconteceu nos Estados Unidos. Não temos nenhuma afinidade com essa maluquice dele. Porém, no mundo inteiro, só Tonga e Siri Lanka têm o voto dado sem a redundância necessária”, pontou.

## LULA NÃO QUER

Para o ex-governador do Ceará, o impeachment de Bolsonaro não interessa ao ex-presidente **Lula (PT)**, provável adversário na corrida eleitoral de 2022.

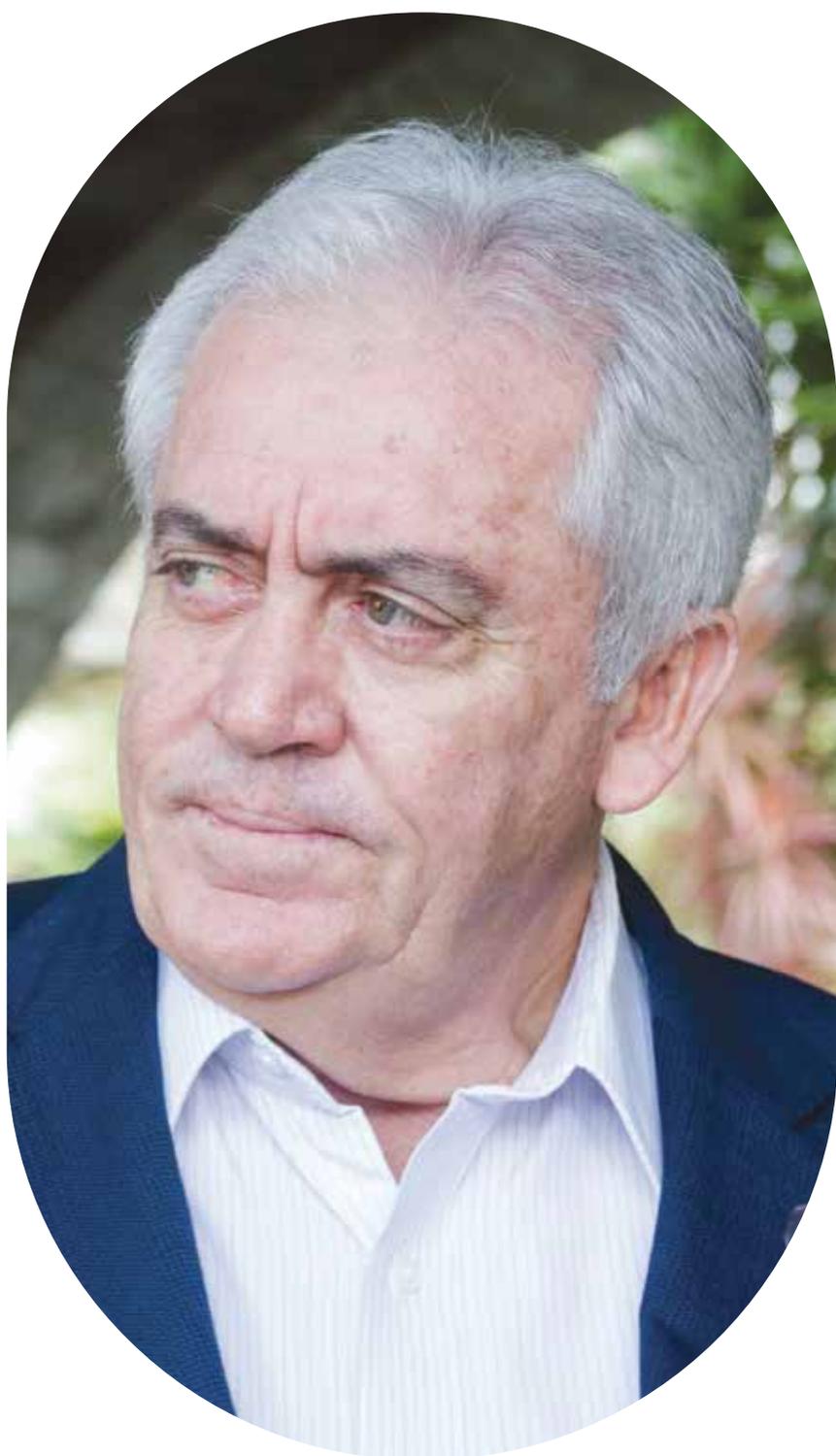
“A crise econômica com a corrupção levada ao centro do poder pelo Lula é o que produziu o Bolsonaro. Enquanto lutamos obstinadamente, o Lula não assinou nenhum pedido de impeachment. Eles querem manter o desastre do Bolsonaro, que mais gente se ferre, que mais gente morra, para que eles voltem sem ter ninguém que discuta o que eles fizeram no passado”, disse.

**Ninguém sério defende o voto na cédula. Só Bolsonaro, porque ele vai perder as eleições**

ENTREVISTA

# Otto Alencar

SENADOR DO PSD



tacio.moreira@metropole

O senador Otto Alencar (PSD) disse que o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) negou um empréstimo de R\$ 40 milhões à Bahia, destinado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para modernizar as secretarias das fazendas nas cobranças de tributos. O dinheiro seria destinado a todos os estados da federação.

“Ele disse que para a Bahia não mandava não. Olhe bem, é empréstimo. Não é fundo perdido. Não é nenhum favor. Bolsonaro marca a Bahia com uma raiva do povo baiano. Não sei por que faz isso. Ele deveria ser presidente do Brasil e governar para todos, vencedores e vencidos”, revela. As declarações foram dadas em entrevista a Mário Kertész, na Rádio Metropole. Otto disse que, mesmo com a retaliação orçamentária, não vai se dobrar aos caprichos do presidente. “Ele vai ter que respeitar a Bahia e o povo baiano”, completou.

## CAMINHO DO DINHEIRO

O senador baiano é uma das vozes ativas na CPI da Covid, que investiga má conduta federal durante a pandemia. Segundo ele, no momento, há uma série de crimes supostamente praticados pelo governo que estão sendo investigados.

“Tem o crime de tratar a doença sem a devida cautela, deixando as pessoas morrer acreditando na imunidade de rebanho. Tem o crime de ação de receitar a hidroxiquina, tem o crime de omissão de não comprar as vacinas e os kit intubação no momento certo. E agora as denúncias de corrupção, feitas pelos irmãos Miranda. A CPI vai seguir o curso de identificar o caminho do dinheiro”.

## FOLGA

O pesedista se disse ainda preocupado com o fôlego da CPI, na iminência de um recesso que pode comprometer os trabalhos da comissão; “Por lei, só podemos ter férias quando for votada a LDO (Lei de Diretrizes Orçamentárias). E isso ainda não foi votado. Mas tem o risco do recesso branco (paralisação informal no Congresso), que comprometa nosso trabalho de investigação”.

ENTREVISTAS



METROPOLE

**deixe  
a vida  
seguir**

## **DOE SANGUE PARA QUEM PRECISA.**

Com a queda de doações durante a pandemia, o estoque da Hemoba está em nível crítico e precisa muito da sua solidariedade.

Estamos adotando todas as medidas preventivas para garantir a total segurança dos voluntários e a doação também pode ser feita por hora marcada.

É só agendar pelo site [www.saude.ba.gov.br/hemoba](http://www.saude.ba.gov.br/hemoba), e-mail [horamarcada@hemoba.ba.gov.br](mailto:horamarcada@hemoba.ba.gov.br) ou pelo telefone **(71) 3116-5643**.

**Ladeira do Hospital Geral, s/n, Brotas**

  @hemobaoficial

**FAÇA A SUA PARTE.  
DOE SANGUE E  
SALVE ATÉ 4 VIDAS**

**HEM<sup>BA</sup>**  
DOE ALEGRIA. DOE SANGUE.

  
**GOVERNO  
DO ESTADO**